



JOURNAL OF
GLOBAL STUDIES

ISSN 1518-1219

<http://www.meridiano47.info>

Cristine Koehler Zanella

Universidade Federal do ABC,
Bacharelado em Relações Internacionais,
São Bernardo do Campo – SP, Brazil
(criskz.sma@gmail.com).



ORCID ID:
orcid.org/0000-0001-7092-4549

Edson José Neves Jr

Universidade Vila Velha, Departamento de
Relações Internacionais, Vila Velha – ES,
Brazil (edson.neves@uvv.br).

Copyright:

- This is an open-access article distributed under the terms of a Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided that the original author and source are credited.
- Este é um artigo publicado em acesso aberto e distribuído sob os termos da Licença de Atribuição Creative Commons, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte originais sejam creditados.



O ensino de Relações Internacionais e o cinema: reflexões sobre o uso de filmes como uma ferramenta pedagógica

Teaching International Relations by using cinema: reflections on the use of films as a pedagogical tool

DOI: <http://dx.doi.org/10.20889/M47e18012>

Meridiano 47, 18: e18012, 2017

Resumo

O artigo avalia vantagens e limites do uso de filmes no ensino de Relações Internacionais a partir da percepção dos estudantes de duas turmas, uma da Universidade Federal de Uberlândia (MG) e outra da Universidade Vila Velha (ES). Extraem-se diversas conclusões, e a mais substantiva é que os filmes, mesmo os mais didáticos, como documentários, exigem a mediação docente para organizar e viabilizar a aprendizagem.

Abstract

This article evaluates the potentials and limits of using films to teach International Relations by taking into account the perception achieved by students from two different classes in Brazil, one from the Federal University of Uberlândia (MG) and another from the University Vila Velha (ES). Among the several conclusions, the most substantial one is that films – even the most didactic ones, such as documentaries – require some mediation by professor(s) in order to organize and enable learning.

Palavras Chaves: Ensino de Relações Internacionais; filmes como ferramenta pedagógica; filmes como apoio didático; ensino de Relações Internacionais no Brasil.

Keywords: Teaching International Relations; movies as a pedagogical tool; films as didactic support; teaching of International Relations in Brazil.

Recebido em 29 de Março de 2017

Aprovado em 08 de Maio de 2017

Introdução:

O lugar do cinema no ensino das Relações Internacionais

Salvo raras exceções, os filmes não têm como primeiro objetivo o aprendizado escolar ou acadêmico. As obras cinematográficas são destinadas ao lazer e à diversão e, em muitos casos, são narrativas ficcionais. Mesmo quando se propõem a retratar uma

história real e/ou bibliográfica, os filmes são sempre realizados a partir de um ponto de vista, o qual é o resultado das escolhas do diretor sobre o que mostrar e o que ocultar, das falas que o roteiro determina, das performances dos atores e das orientações e limitações impostas pelos produtores. Sendo um produto voltado ao entretenimento, o público a quem o filme se destina representa uma importante variável a ser considerada por quem faz o cinema. O comum é que as preferências políticas, ideológicas e estéticas desse público sejam mais importantes que a busca por precisão no retrato histórico dos fatos.

Mesmo não tendo o aprendizado como primeiro objetivo, os filmes são frequentemente utilizados como recurso pedagógico em sala de aula. Há inúmeras razões para isso, as quais envolvem – mas não se resumem a – um entendimento do docente de que certos filmes: agregam informações sobre eventos que estão sendo estudados; encerram uma narrativa política que contribui para a compreensão de determinados eventos ou contextos; são uma fonte de acesso à cultura cujo contato deve ser promovido pela universidade; são uma fonte complementar importante para ilustrar o conteúdo ministrado em aulas expositivas ou questionar o conteúdo trazido por outras fontes, sejam elas acadêmicas (como artigos de periódicos) ou não (como notícias de jornais e revistas). É possível que muitos desses benefícios potenciais estejam no horizonte dos professores de Relações Internacionais que se valem do cinema como apoio didático.

No Brasil, as Relações Internacionais (RI) têm se afirmado como um campo próprio do conhecimento nos últimos anos. Em termos institucionais isso pode ser observado, primeiro, pela expansão do número de cursos e estudantes. Passou-se de 68 cursos de graduação presenciais em Relações Internacionais em 2005 para 122 cursos em 2015 e, nesse ano, o número aproximado de estudantes de Relações Internacionais no Brasil já ultrapassava os 24 mil (INEP, 2016). Além da expansão, a área está se consolidando, o que pode ser observado pelo processo de adoção das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) do curso de Relações Internacionais, as quais estão em fase de análise no Conselho Nacional de Educação no momento em que este trabalho é redigido e devem entrar em vigor ainda este ano (CNE, 2017: 3).

Com a expansão e a consolidação das Relações Internacionais no Brasil, crescem as discussões sobre as formas de aprendizado e sobre os instrumentos pedagógicos utilizados pelos professores em cada disciplina do curso. O cinema é um instrumento que, aparentemente, tem sido usado de forma crescente nos processos de ensino e aprendizagem. Abordando as Relações Internacionais por meio do cinema observa-se, por exemplo, no país, a difusão de ciclos/jornadas/semanas de cinema e Relações Internacionais¹, ao menos uma disciplina acadêmica ofertada sobre o tema², a crescente

1 Como exemplos de eventos criados para debate e reflexão sobre as relações internacionais a partir da exibição de filmes, pode-se mencionar: O ciclo “Cinema e história contemporânea”, coordenado pelo professor Igor Fuser e desenvolvido pelo bacharelado em RI da Universidade Federal do ABC desde 2013; o CineRI, coordenado pelo professor Edson José Neves Júnior e realizado na Universidade de Vila Velha a partir de 2013; a 1ª Semana de Relações Internacionais e Cinema da Universidade Federal de Uberlândia, organizada pelos professores Cristine Koehler Zanella, Pedro Henrique de Moraes Cicero e Haroldo Ramanzini Junior, em 2016; e o CINE-REL, que o curso de RI do Centro Universitário do Distrito Federal iniciou em 2017.

2 A disciplina “Cinema, literatura e política”, estruturada pelos professores Eiiti Sato e Daniel Jatobá, é ofertada no curso de Relações Internacionais da Universidade de Brasília desde 2009 – houve uma breve interrupção em 2014. A motivação para sua criação surgiu da receptividade que obteve entre os discentes a série de filmes comentados em “Política e pipoca”, realizada pelo professor Sato, a partir da proposta de uma estudante do curso, em 2008.

produção de trabalhos de conclusão de curso que analisam as relações internacionais por meio de uma ou mais obras fílmicas e a publicação de obras específicas sobre Relações Internacionais e cinema³, apenas para citar alguns exemplos.

Em âmbito internacional, a obra de Cynthia Weber (2014) “International Relations Theory: a critical introduction”, cuja primeira edição foi lançada em 2001, pode ser apontada como a primeira obra que sistematicamente sugeriu, ao final do capítulo dedicado a cada uma das teorias abordadas, o aprofundamento da reflexão por meio do de filmes. Numa outra linha, investigando a influência de filmes infantis sobre padrões políticos socialmente aceitos e desviantes, Marc Doucet (2005) sugere que essas obras auxiliam a compreensão de como se popularizam determinadas visões de mundo em detrimento de outras e, por consequência, como algumas teorias de RI tendem a parecer, mais que outras, uma descrição real do mundo. Em 2009, Engert e Spencer publicaram “International Relations at the movies: teaching and learning about International Politics through Film” e fizeram a identificação de quatro formas pelas quais os filmes podem ser utilizados como uma ferramenta didática. Os filmes podem servir para (i) retratar eventos históricos, (ii) debater questões específicas, (iii) examinar narrativas culturais e (iv) explicar e criticar teorias de RI. Para cada uma dessas formas, os autores apontaram potencialidades e limites do uso dos filmes. Em sentido contrário, a professora Safia Swimelar (2013) sintetizou, no artigo “Visualizing International Relations: Assessing Student Learning Through Film” alguns argumentos desfavoráveis ao uso do cinema para o ensino de RI, como se verá adiante. De qualquer forma, em termos gerais, entre os diversos trabalhos que tratam do uso do cinema como ferramenta de ensino, o artigo de Engert e Spencer parece ser o que ofereceu mais reflexão e sistematização ao tema.

O presente artigo se insere no contexto dos trabalhos que investigam potencialidades e limites do uso do cinema como instrumento de ensino e aprendizagem nas Relações Internacionais, mas promove a investigação com destaque para a perspectiva do estudante. Para tanto, os autores perquiriram os discentes de duas turmas de Política Externa Brasileira (PEB), de estados diferentes do Brasil e ambas a cargo de um ou outro autor deste artigo, sobre as experiências que vivenciaram com a exibição de filmes em sala de aula. A partir da aplicação de questionários a esses estudantes buscou-se compreender as percepções sobre o uso do filme enquanto instrumento de apoio à aprendizagem. O artigo é dividido em três seções além desta introdução. A primeira discute a metodologia usada para estruturar os resultados que seguem. A segunda seção apresenta a experiência com a turma de Política Externa Brasileira II (PEB II), do segundo semestre de 2016, da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e dedica-se à compreensão do acesso dos estudantes ao cinema e suas preferências, bem como investiga a percepção dos estudantes sobre a utilidade de se usar os filmes como apoio à aprendizagem dos conteúdos ministrados durante o semestre. A parte final analisa a experiência com

3 Como exemplo, pode-se citar a publicação dos dois volumes do livro “As Relações Internacionais e o Cinema”, um esforço para dar corpo ao tratamento de abordagens de pesquisadores brasileiros sobre o tema. No primeiro volume, dedicado aos espaços e atores transnacionais, capítulos versam sobre assuntos como *soft power*, terrorismo, imigração, movimentos políticos transnacionais, poder transnacional das corporações, entre outros (Zanella; Neves Jr., 2015). No segundo volume, dedicado ao Estado e aos conflitos internacionais, os textos tratam de comando do espaço, tecnologia militar e conscrição, robótica e guerra, serviços de inteligência, dinâmicas antigas e novas da guerra, entre outros (Zanella; Neves Jr., 2016). Esses livros adotam como estrutura o tratamento de um tema de interesse das Relações Internacionais a partir da análise de um filme.

a turma de Política Externa Brasileira III (PEB III), do primeiro semestre de 2017, da Universidade de Vila Velha (UVV) e aprofunda a pesquisa, dedicando-se a verificar se a exibição do documentário *O dia que durou 21 anos* (2013) contribuiu para a apreensão de alguns conceitos e períodos históricos relacionados ao golpe civil-militar de 1964 no Brasil e à influência dos Estados Unidos tanto no golpe quanto na definição da política externa brasileira durante o regime militar.

Uma nota sobre o método

O objetivo das duas experiências nas UFU e na UVV era duplo. Primeiro, verificar, em um sentido mais geral, a percepção dos estudantes sobre sua própria aprendizagem a partir do uso de filmes. Tal abordagem fica mais clara nos procedimentos executados na disciplina de PEB II, em Uberlândia/MG, onde foram apresentados três documentários ao longo do semestre e as perguntas abertas e fechadas contribuíram para entender a construção de conhecimento auxiliada por filmes de uma perspectiva dos estudantes, com ênfase no último documentário *O dia em que o Brasil esteve aqui*. Segundo, averiguar especificamente como o uso de filmes ajudou no aprendizado de conceitos específicos e de períodos históricos relevantes para as Relações Internacionais, o que foi realizado na disciplina de PEB III, em Vila Velha/ES, por meio do documentário *O dia que durou 21 anos*, que trata dos momentos determinantes do golpe civil-militar de 1964 no Brasil, e da participação dos Estados Unidos na condução dessa transformação. Em ambos os casos os documentários foram precedidos por aulas dialogadas sobre o tema em questão na obra fílmica, e que também compunham os programas das disciplinas.

Assim, tendo por meta a construção de conclusões distintas, mas complementares, o método empregado em cada experiência foi diferenciado. O questionário aplicado para os discentes da UFU continha questões fechadas e abertas sobre a frequência que assistiam filmes e a preferência por gêneros fílmicos, de forma a se conhecer a frequência e o contato dos estudantes com o cinema, e perguntas sobre a eficácia dos documentários apresentados no semestre para o aprendizado, com especial atenção ao último deles, chamado *O dia em que o Brasil esteve aqui* (2005). Esta abordagem possibilitou aos respondentes analisarem como ocorreu o auto-aprendizado ao longo do período de maneira espontânea, e com certa profundidade no caso do último documentário apresentado. Já na UVV as questões eram de três tipos: fechadas simples, abertas e fechadas, sequenciais e condicionantes. Em todos os casos, o objetivo da enquête foi averiguar o aprendizado dos seguintes conceitos/períodos: 1 – O cenário internacional da Guerra Fria; 2 – A participação dos EUA no golpe civil-militar de 1964; 3 – A influência dos EUA na política externa do Brasil antes da e durante a ditadura civil-militar de 1964. Neste caso o intento era deixar ao estudante a avaliação sobre qual dos momentos foi mais importante para o aprendizado dos temas indicados: se as aulas ou se o documentário.

Contribuiu também para a proposta de análises diferenciadas na UFU e na UVV as características igualmente distintas das duas turmas onde os estudos foram aplicados. Na UFU os estudantes de PEB II estavam no 7º semestre da sua formação e a disciplina já estava em sua fase final. Na UVV a

turma era composta majoritariamente por discentes do 5º período que recém iniciavam o semestre quando a experiência ocorreu. Ademais, os temas abordados eram contrastantes, no primeiro caso a temática se circunscrevia ao período recente da política externa brasileira, no segundo tratava-se de uma revisão sobre a PEB do regime militar para só depois se iniciarem as discussões sobre a redemocratização. Dado esse contexto e suas particularidades, julgamos inadequado proceder a um estudo comparativo. Por outro lado, consideramos que uma contribuição positiva poderia advir da realização de um estudo complementar, no qual as percepções dos estudantes sobre o uso do cinema como ferramenta para o ensino das Relações Internacionais fossem constatadas em abordagens distintas e na qual pudéssemos aprofundar a investigação progressivamente.

Ainda sobre os métodos de análise empregados neste texto, é importante destacar as dimensões da amostra, ou seja, a quantidade de respondentes nos dois casos. Como se verá, para a UFU foram 12 e 9 respondentes para, respectivamente, o primeiro e o segundo questionário, e na UVV, 36 para o primeiro e 25 para o segundo. As proporções em comparação com o total da turma são: 57% e 43% no caso dos primeiro e segundo questionários da UFU, visto que a turma tinha 21 estudantes; e de 90% e 62,5% nas enquetes da UVV, de uma turma com 40 discentes. Em ambos os casos todos respondentes expressaram seu livre consentimento em participar da pesquisa por meio da assinatura de termo de livre consentimento e todos responderam as questões propostas de forma anônima. Em relação aos números absolutos, a amostra não difere substancialmente de outros estudos assemelhados na área. Os professores Lynn M. Kuzma da *University of Southern Maine*, e Patrick J. Haney, da *Miami University of Ohio*, conduziram experiências que contaram, na primeira Universidade, com 15 estudantes matriculados, e com 17 na segunda instituição (2001: 38-39). Brandon Valeriano, da *University of Glasgow*, em seu estudo sobre o uso de filmes para discentes da disciplina de Introdução às RI, contou com 24 respondentes (2013: 68) e a docente da *Elon University*, Safia Swimelar dividiu seu estudo sobre o uso de filmes em RI em duas seções de questionários sendo que, na primeira participaram 30 estudantes e na segunda 25 (2013: 19).

Por fim, para tornar didática a leitura do texto e empregar de forma objetiva as contribuições acadêmicas já publicadas e relacionadas ao tema, a discussão teórica será realizada ao longo das descrições e análises de cada um dos casos – UFU e UVV.

As Relações Internacionais e o Cinema na UFU

O relato da primeira experiência de percepção discente sobre o uso do cinema como recurso pedagógico refere-se à pesquisa qualitativa feita com a turma de PEB II, do segundo semestre de 2016, do curso de Relações Internacionais da UFU. Durante o semestre foram exibidos três filmes, todos do gênero documentário, fortemente escorados em entrevistas: *A Construção de Fernando Henrique* (2012), *Presidentes de Latinoamerica: Luiz Inácio Lula da Silva* (2010) e *O dia em que o Brasil esteve aqui* (2005). Em todos os casos a professora distribuiu uma lista de questões sobre o tema que o material tratava, a qual era lida antes que o filme começasse a ser exibido. O objetivo

era orientar os estudantes em tópicos de interesse da aula enquanto assistiam ao filme. Em alguns casos a obra foi exibida depois das aulas expositivas sobre a política externa do período, em outros o filme abriu a exposição de determinado período da política externa brasileira. Quando da exibição do último filme, *O dia em que o Brasil esteve aqui*, em 1º de fevereiro de 2017, foram aplicados dois questionários: o primeiro, antes da exibição do documentário; e o segundo, após essa exibição.

A primeira parte do questionário 1 teve como objetivo colher informações sobre a relação dos discentes com o cinema e as fontes por meio das quais eles acessam obras filmicas. Observou-se que os estudantes tem acesso a um bom volume de filmes, sendo que 42% assistem de 6 a 10 filmes por mês, 50% assistem de 1 a 5 filmes, 8% assiste a mais de 10 filmes por mês e nenhum passa um mês sem assistir a um filme. Sobre o acesso a essas obras, chama a atenção o papel da internet: 75% tem nesse meio a principal via de acesso, sendo que 50% dos estudantes indicaram os serviços pagos de transmissão, como o Netflix, como o principal canal de acesso aos filmes. Assim, o cinema é em geral uma linguagem conhecida dos estudantes, que estão familiarizados com recursos como recortes espaciais da sequencia narrativa, marcas de tempo que indicam que cenas apresentadas em sequencia em realidade ocorreram simultaneamente no tempo, entre outros recursos que o cinema incorporou ao longo do tempo. Apesar de isso não significar que a intenção do diretor com o uso de tais recursos seja conhecida, a familiaridade com a forma que o cinema se vale para contar uma história pode ser afirmada.

Quadro 1 – Frequência e meios de acesso dos estudantes a filmes

<i>Questão</i>	<i>Respostas</i>	<i>Número de respondentes</i>	<i>Percentual de respondentes</i>
Quantos filmes você costuma assistir por mês?	Não chego a assistir um filme por mês	0	0
	De 1 a 5 filmes por mês	6	50
	De 6 a 10 filmes por mês	5	42
	Mais de 10 filmes por mês	1	8
Qual o principal meio pelo qual você tem acesso aos filmes que assiste?	Salas de cinema convencionais	2	17
	Serviços pagos via internet. Ex: Netflix	6	50
	Compartilhamento gratuito de arquivos via internet ex: uTorrent	3	25
	Cópias de DVD/Blue-ray vendidas informalmente	0	0
	Compra de DVD/Blue-ray originais em lojas convencionais	0	0
	Outros (televisão e outras fontes de internet)	1	8

Fonte: elaboração própria a partir de respostas dos estudantes em meio físico.

Um percentual de 17% dos respondentes tem nas salas convencionais de cinema o principal meio de acesso aos filmes. Em termos de conteúdo assistido, tal percentual precisa ser contextualizado com a realidade de uma cidade que conta com apenas duas salas de cinema, uma da Cinépolis e outra da Cinemark, ambas grandes cadeias mundiais de distribuição. A Cinépolis, como descrito em seu próprio site, é a “maior operadora de cinemas na América Latina e a segunda no mundo com

operação de mais de 4.500 salas em treze países” (CINEPOLIS, 2017). A Cinemark está presente em 13 países e, no Brasil, conta com mais de 600 salas de exibição (CINEMARK, 2017). As salas de ambas as redes em Uberlândia estão localizadas dentro de shoppings centers e as exibições oferecidas refletem o domínio do cinema hollywoodiano – e por consequência de suas narrativas, geralmente feitas dentro de um modelo que valoriza o ritmo acelerado, as trajetórias individuais e os finais felizes – na vida cultural da cidade. No momento em que este trabalho é escrito, por exemplo, a lista de opções oferecida ao espectador, reunindo todas as obras em exibição é: *Power Rangers* (2017), *A Bela e a Fera* (2017), *Kong: a ilha da Caveira* (2017) e *Logan* (2017).

Como a maioria dos estudantes acessa os filmes que assiste por fontes outras que não as salas convencionais, percebe-se que o horizonte temático e de visões de mundo com que têm contato é maior, embora seja notável a influência significativa das opções de filmes disponibilizados pelo serviço Netflix. Nesse caso, a maioria dos filmes é ofertada a partir de uma divisão nas categorias “comédia”, “drama” e “romance” e pertence ao universo da produção realizada nos grandes centros mundiais. Além disso, os algoritmos que definem as sugestões de filmes aos assinantes vão progressivamente encurtando a variedade de opções apresentada, ao selecionar filmes cada vez mais próximos ao que os estudantes já conhecem. Esse contexto remete à importância do professor enquanto agente de enriquecimento acadêmico e também cultural, à medida que sua atuação pode contribuir para dar aos estudantes acesso a narrativas e visões de mundo que se localizam fora do universo hollywoodiano e da produção dos grandes estúdios.

Nas respostas espontâneas à pergunta “Qual gênero de filmes você costuma assistir?”, na qual poderia ser indicado mais de um gênero, destacou-se o drama, com 6 menções, revelando o gosto pelas narrativas que, mesmo ficcionais, envolvem alguma espécie de conflito, pessoal ou coletivo, e que geralmente têm ligação com fatos que poderiam ser presenciados na vida real. Trata-se de um gênero associado a temas geralmente mais sérios, assim como os filmes que se propõem a tratar de questões históricas. Os filmes históricos aparecem em segundo lugar entre os gêneros mais assistidos, com 5 menções. De qualquer forma, dramas ou filmes históricos se enquadram grande categoria de filmes de ficção, assim como o são os filmes de ação, as comédias românticas e o suspense, todos com 3 menções cada.

Ainda sobre os gêneros mais assistidos, o documentário, que em princípio estaria mais comprometido a explorar a realidade – embora nunca deva ser confundido com o retrato da realidade – teve duas menções. Em conversas informais com outros docentes percebe-se que o recurso a materiais desse gênero é visto como potencialmente útil para o ensino de Relações Internacionais. Embora na próxima seção se avance nesse ponto, já é possível indicar que ela guarda relação com a própria proposta desses filmes de “abordar conceitos e questões sobre os quais exista considerável interesse social ou debate” (Nichols, 2005: 100) e em cujas obras entrelaçam-se pelo menos três histórias “a do cineasta, a do filme e a do público” (Nichols, 2005: 93). É possível que esta pluralidade de perspectivas sobre um tópico apareça aos docentes como mais apta a refletir a complexidade da realidade e, portanto, ofereça maiores recursos para estimular a reflexão.

Quadro 02 – Gêneros de filmes mais assistidos pelos estudantes

<i>Gênero</i>	<i>Número de vezes que foi mencionado</i>	<i>Percentual de menções em relação ao total de respondentes</i>
Drama	6	50
Histórico	5	42
Ação	3	25
Comédia romântica	3	25
Suspense	3	25
Documentário	2	17
Ficção científica	2	17
Terror	2	17
Biografia	1	8
Ficção	1	8
Ficção fantástica	1	8
Policial	1	8
Não tenho preferências definidas	2	17
Não gosto de cinema	0	0

Fonte: elaboração própria a partir de respostas dos estudantes em meio físico.

Cruzando as informações obtidas por meio dos questionários respondidos antes e depois da exibição do filme *O dia em que o Brasil esteve aqui*, os dados do Quadro 3, abaixo, revelam um impacto positivo, mesmo que não unânime, na percepção dos estudantes em relação ao conhecimento adquirido por meio do cinema. Deve-se observar, de toda forma, que menos estudantes estavam em sala de aula e responderam o questionário dois.

Quadro 03 – Impacto do uso do filme na percepção da aquisição de conhecimentos dos estudantes (em números absolutos e em percentual de respondentes)

<i>Você tem conhecimento sobre o tema "presença brasileira no Haiti por meio da MINUSTAH"?</i>	<i>Tem</i>	<i>Não tem</i>	<i>Total de respondentes</i>
Antes da exibição do filme	7 (58%)	5 (42%)	12
Depois da exibição do filme	8 (89%)	1 (11%)	9

Fonte: elaboração própria a partir de respostas dos estudantes em meio físico.

Quando perguntados diretamente sobre o uso do cinema como apoio didático, as respostas revelam um balanço muito positivo: 8 de 9 discentes afirmaram que a exibição e análise do filme teve um impacto positivo para sua aprendizagem e para o fomento do seu interesse pelo tema. Todos responderam que: o uso do filme contribuiu para o desenvolvimento do senso crítico sobre o tema tratado; os filmes (ficção ou documentários) podem contribuir para a compreensão de temas das Relações Internacionais; o uso dos filmes *A Construção de Fernando Henrique, Presidentes de*

Latinoamerica: Luiz Inácio Lula da Silva e O dia em que o Brasil esteve aqui contribuiu para a sua aprendizagem sobre a política externa brasileira e para sua formação cultural em geral.

Quadro 04 – Percepção dos estudantes sobre o uso de recursos audiovisuais como apoio didático

<i>Pergunta</i>	<i>Respostas</i>		
	<i>Positiva</i>	<i>Negativa</i>	<i>Indiferente</i>
Você diria que a contribuição da exibição e análise do filme “O dia em que o Brasil esteve aqui” para a sua aprendizagem sobre o tema “presença brasileira no Haiti por meio da MINUSTAH” foi:	8	0	1
O impacto que a exibição e discussão do filme “O dia em que o Brasil esteve aqui” teve sobre meu interesse pelo tema “presença brasileira no Haiti por meio da MINUSTAH” foi:	8	1	0
	<i>Sim</i>	<i>Não</i>	<i>Indiferente</i>
Você considera que o uso do filme contribuiu para o desenvolvimento do senso crítico sobre o tema tratado?	9	0	0
Você acredita que os filmes (ficção ou documentários) podem contribuir para a compreensão de temas das Relações Internacionais?	9	0	0
Durante a disciplina foram exibidos e discutidos os seguintes filmes e programas, em sala de aula: “A Construção de Fernando Henrique”, “Presidentes de Latinoamerica: Luiz Inácio Lula da Silva” e “O dia em que o Brasil esteve aqui”. Você acredita que o uso desses materiais no decorrer da disciplina contribuiu para a sua aprendizagem sobre a política externa brasileira?	9	0	0
Durante a disciplina foram exibidos e discutidos os seguintes filmes e programas, em sala de aula: “A Construção de Fernando Henrique”, “Presidentes de Latinoamerica: Luiz Inácio Lula da Silva” e “O dia em que o Brasil esteve aqui”. Você acredita que o uso desses materiais no decorrer da disciplina contribuiu para sua formação geral (em termos culturais, de visão de mundo, etc.)?	9	0	0

Fonte: elaboração própria a partir de respostas dos estudantes em meio físico.

Os dados da tabela são confirmados e mais detalhados nas respostas espontâneas abertas fornecidas nos questionários. À pergunta “Você acredita que os filmes (ficção ou documentários) podem contribuir para a compreensão de temas das Relações Internacionais?” foram obtidas as seguintes respostas:

R.1: Sim, pois a via visual proporciona uma imersão maior no tema;

R.6: Podem trazer elementos novos que agregam conhecimento;

R.7: Sim, a partir de uma visão, com base nas teorias, que fuja das palavras dos livros.

À pergunta “Você acredita que o uso desses materiais no decorrer da disciplina contribuiu para sua formação geral (em termos culturais, de visão de mundo, etc.)?” um respondente afirmou “Sim, me proporcionou conhecimento mais amplo sobre o tema”. E à pergunta “Você acredita que o uso desses materiais no decorrer da disciplina contribuiu para a sua aprendizagem sobre a política externa brasileira?” o respondente 9 afirmou: “Contribuem, porém é necessário se atentar a determinadas

visões dos produtores”. Tal resposta sinaliza a consciência do estudante para a visão de mundo, as ideias e ideologias que cada filme carrega e sinaliza ao docente a importância de o filme não ser tomado – e apresentado aos estudantes – como uma ferramenta de descrição e acontecimentos. O papel do professor para que o filme seja um efetivo instrumento de aprendizado entra, assim, em destaque.

A confirmação de que é fundamental a intervenção do professor para que os filmes sejam utilizados de forma satisfatória em sala de aula pode ser aferida a partir da ordem de importância que os respondentes atribuíram aos procedimentos escolhidos para a utilização do cinema na disciplina. Os estudantes foram solicitados para numerar em ordem decrescente de importância (com os limites de 1 para mais importante e 5 para menos importante) os itens apresentados para que o uso de filmes em sala de aula seja satisfatório em termos de aprendizado. Os itens que figuram como os mais importantes na percepção dos estudantes foram “discussão prévia do tema (por exemplo, traços da política externa do período) em sala de aula” e “entrega pelo professor de questionário com perguntas que provoquem o olhar do estudante para o conteúdo que será exibido”. Em posição intermediária de importância ficou o item “discussão posterior à exibição do filme entre a turma com mediação do professor” e, apontados como os procedimentos menos importantes dentre os destacados, os itens “leitura orientada de materiais sobre o assunto” e “realização de atividades de pesquisa por parte do estudante sobre o tema do filme antes ou depois da exibição do mesmo”.

Quadro 05 – Percepção dos discentes da ordem de importância dos procedimentos didáticos a serem adotados para o bom aproveitamento dos filmes como recurso didático

Item	<i>Ordem de importância (OI) do item para que o uso de filmes em sala de aula seja satisfatório em termos de aprendizado*</i>				
	<i>OI 1ª</i>	<i>OI 2ª</i>	<i>OI 3ª</i>	<i>OI 4ª</i>	<i>OI 5ª</i>
Discussão prévia do tema (por exemplo, traços da política externa do período) em sala de aula	3	2	1	2	1
Entrega pelo professor de questionário com perguntas que provoquem o olhar do estudante para o conteúdo que será exibido	3	1	1	2	2
Discussão posterior à exibição do filme entre a turma com mediação do professor	1	2	4	2	0
Leitura orientada de materiais sobre o assunto	0	3	2	2	2
Realização de atividades de pesquisa por parte do estudante sobre o tema do filme antes ou depois da exibição do mesmo	2	1	1	1	4

* Os números apresentam a frequência que o item foi apresentado naquela posição de importância.

Fonte: elaboração própria a partir de respostas dos estudantes em meio físico.

Ao concluir-se a análise da primeira etapa da pesquisa, realizada na UFU, chama a atenção o reconhecimento do papel central que o professor exerce caso se espere resultados positivos do uso de filmes para a aprendizagem em RI. Ao contrário do que sustentaram Munster e Sylvest (2015), de que os documentários carregam um potencial didático inerente, seja pelo que mostram seja pelo

que dizem sobre determinado evento ou tema, este momento inicial da investigação aponta que, na perspectiva dos estudantes, a ação docente é percebida como essencial no sentido de organizar o processo de aprendizagem, seja por meio da apresentação e discussão prévia do tema, seja por meio da provocação do olhar para fatos ou relações entre atores, forças, condicionantes, entre outros elementos. A seção seguinte amplia a pesquisa ao verificar se a exibição de um documentário contribuiu para a apreensão de questões específicas ligadas ao conteúdo acadêmico (no caso, o golpe civil-militar de 1964 no Brasil e a participação estrangeira nesse processo). As conclusões obtidas estendem e reforçam as constatações feitas na presente seção.

As Relações Internacionais e o Cinema na UVV

A experiência sobre o ensino de Relações Internacionais e o cinema realizada na Universidade Vila Velha (UVV) ocorreu na disciplina de Política Externa Brasileira III (PEB III), entre os dias 17 de fevereiro e 03 de março de 2017. Dos 40 estudantes matriculados, 31 estão no 5º semestre do curso, e outros 9 no 4º. Nesse estágio da formação os estudantes já passaram por disciplinas que compõem as áreas estruturantes⁴ do curso de Relações Internacionais, como História e Política Externa, Ciência Política, Direito Internacional, e já cursaram pelo menos uma disciplina de Teoria das RI. Portanto, o grupo possui uma formação mediana no campo de estudos.

A atividade se dividiu em duas fases. Na primeira os discentes tiveram uma aula de revisão⁵ sobre o golpe civil-militar no Brasil, o envolvimento estadunidense na derrubada de João Goulart – Jango, a política externa do governo do general Humberto Castelo Branco, bem como a influência estadunidense na formulação da PEB ao longo da ditadura, no contexto da Guerra Fria. Em síntese, a aula procurou ambientar a turma sobre o cenário prévio ao golpe e a respeito do papel dos Estados Unidos da América (EUA) nessa mudança. Após a aula foi disponibilizado aos estudantes um formulário online⁶ no qual três questões dissertativas deveriam ser respondidas: “1 – Com base em seus conhecimentos, explique o ambiente internacional da Guerra Fria”; “2 – Explique como o contexto da Guerra Fria influenciou o cenário nacional brasileiro antes do golpe de 1964”; e “3 – Como ocorreu a participação dos Estados Unidos no golpe civil-militar de 1964 e de que forma os Estados Unidos influenciaram a política externa brasileira na ditadura civil-militar?”.

Na segunda fase foi exibido o documentário *O dia que durou 21 anos* (2012), que trata dos momentos anteriores ao golpe civil-militar de 1964, do papel dos Estados Unidos no processo, e traz uma descrição dos primeiros anos da ditadura até a imposição do Ato Institucional n.º 5, em 1968. O documentário apresenta fontes diversas sobre o período, como jornais da época; vídeos exibidos

4 De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais – DCNs do curso de Relações Internacionais, atualmente em fase de análise no Conselho Nacional de Educação (CNE, 2017: 3).

5 Temporalmente o programa de PEB III inicia com a redemocratização do Brasil, mas é usual no curso de RI da UVV reservar algumas aulas para revisão dos conteúdos da disciplina anterior, quando é o caso de cadeiras sequenciais.

6 Foi utilizado o serviço gratuito do *Google Formulários* para essa atividade.

na televisão; gravações de conversas entre autoridades dos EUA sobre o ambiente político brasileiro e as ações a serem tomadas; depoimentos de perseguidos e autoridades públicas do regime; bem como, análises de especialistas sobre esse período da história, entre outros. A direção e o roteiro são de Camilo Tavares, filho do jornalista Flavio Tavares, um militante torturado e exilado pela ditadura (TV BRASIL, 2017). Após a exibição foi feito um debate sobre os assuntos concernentes e, da mesma forma que na etapa anterior, foi indicado um link no qual os discentes teriam acesso a um formulário de perguntas sobre a temática. Este questionário era composto 16 questões objetivas, uma dissertativa longa (sem limite de linhas) e uma pergunta discursiva curta (máximo de três linhas). Nessa fase a enquête tratava não apenas dos temas relativos ao golpe, ditadura e política externa, mas também da percepção da turma sobre o uso de filmes em sala de aula.

Em síntese, o objetivo da experiência era verificar como o documentário contribuiu para o aprendizado dos estudantes na compreensão dos seguintes períodos e conceitos da história e da política externa do Brasil: 1 – As causas do golpe civil-militar de 1964; 2 – A percepção do ambiente internacional da Guerra Fria e como tal contexto influenciou o Brasil; e 3 – A influência estadunidense no golpe e na definição da política externa ao longo do regime militar. É sabido que tal pretensão de objetividade comporta o paradoxo decorrente da abstração natural da experiência: trata-se de verificar a percepção que os próprios estudantes têm sobre a construção de seu aprendizado. Em termos mais simples, a dificuldade se expressa em como determinar se foi com as aulas expositivas, com as leituras, com o documentário, ou com qualquer outra atividade, que o discente aprendeu aquilo que se esperava ensinar. Essa dificuldade já foi mencionada por outros docentes preocupados em saber se filmes são instrumentos válidos para o ensino de RI (Kuzma, Haney, 2001; Engert, Spencer, 2009; Swimelar, 2013). Entretanto, tais inconvenientes não invalidam a pergunta de pesquisa, mas sim refletem os fundamentos e particularidades na produção de conhecimento nas Humanidades, e remetem ao debate epistemológico consagrado, mas não encerrado, na área.

A respeito do primeiro formulário contendo perguntas relativas ao cenário internacional, às causas do golpe de 1964 e à influência estadunidense tanto no golpe quanto na PEB dos primeiros governos militares, é possível perceber que os estudantes apresentaram conhecimentos razoáveis sobre os temas indicados. Com relação à primeira pergunta, “Com base em seus conhecimentos, explique o ambiente internacional da Guerra Fria”, mesmo com alguns equívocos e limitações⁷, houve referências à bipolaridade, à diferença entre os sistemas (blocos) socialista da União Soviética e o capitalista liderado pelos Estados Unidos; e à disputa tecnológica, armamentista, econômica e de influência sobre regiões periféricas.

Sobre a pergunta número 2, “Explique como o contexto da Guerra Fria influenciou o cenário nacional brasileiro antes do golpe de 1964”, também há menções substantivas referentes ao pragmatismo e universalismo da Política Externa Independente (PEI) de Jango, à dificuldade da PEI em estabelecer

7 Em uma resposta há menção à disputa entre as forças do Eixo (Alemanha, Itália e Japão) e os Aliados em referência à Guerra Fria. Em outros casos, de limitação, os estudantes ofereceram respostas curtas, classificando o contexto da Guerra Fria como: “Um ambiente de desconfiança.”; “Clima de tensão político-ideológica, divisão e pressão para maior desenvolvimento tecnológico.”; e a mais lacônica de todas: “Bipolaridade.”. Seis foram as respostas curtas, dentre as 36.

cooperação com países considerados comunistas, à pressão estadunidense contra o surgimento do comunismo no Brasil, e às reformas de base de Jango serem interpretadas como medidas socialistas. No entanto, como insuficiência nas respostas, é válido mencionar a ausência da Revolução Cubana e da crise dos mísseis como condicionantes para a pressão estadunidense no Brasil.

A terceira pergunta, “Como ocorreu a participação dos Estados Unidos no golpe civil-militar de 1964 e de que forma os Estados Unidos influenciaram a política externa brasileira na ditadura civil-militar?”, teve, em nossa avaliação, os melhores retornos no que diz respeito às dimensões e ao conteúdo. Os estudantes demonstraram saber que os EUA influenciaram grupos de oposição ao governo, como partidos, meios de comunicação e militares; mencionaram o medo ao comunismo na América Latina como determinante da política externa estadunidense para a região, indicaram que as mudanças propostas por João Goulart não eram de fato, mas foram interpretadas e classificadas como “medidas comunistas” pelos EUA e por grupos domésticos de oposição. Também foram encontradas citações à resistência brasileira em se subordinar à política internacional estadunidense por resistir às aplicações de sanções contra Cuba, por estabelecer acordos comerciais com países socialistas (ou tidos como socialistas).

O questionário prévio ao documentário teve como objetivo verificar o quanto os discentes apreenderam não apenas da aula de revisão sobre a temática, mas também das contribuições do semestre anterior, na disciplina de PEB II, na qual já haviam estudado o período. A partir das respostas conclui-se que os estudantes possuem um conhecimento razoável sobre o período, que inclui conceitos tradicionais para classificar o ambiente internacional e a influência estadunidense para a consecução do golpe civil-militar e sobre a política externa brasileira. Poucos estudantes limitaram suas respostas a uma ou duas linhas e os equívocos básicos são também pontuais. Mostra-se marcante nas respostas o seu caráter genérico: em raros casos houve esforço em oferecer um embasamento empírico do tema, como fatos ou dados sobre o momento histórico. Assume-se a partir dessa constatação os discentes terem um conhecimento teórico sobre as transformações da época, mas pobre em termos empíricos. Como se verá a seguir, após a exibição do documentário o padrão de respostas se altera e fica mais rico em detalhes sobre, principalmente, o papel dos EUA no golpe de 1964.

No segundo questionário, pós-filme, para identificar se houve a contribuição do documentário *O dia que durou 21 anos* no aprendizado, foram aplicadas questões fechadas simples, uma questão aberta, e questões fechadas, sequenciais e condicionantes.

O quadro a seguir descreve as questões fechadas simples e aponta a frequência das respostas obtidas:

Quadro 06 – Importância do filme para o ensino de Relações Internacionais

<i>Perguntas</i>	<i>Sim</i>	<i>Indiferente</i>
1. Você considera que a exibição do filme “O dia que durou 21 anos” contribuiu para a sua aprendizagem sobre o tema “O cenário internacional da Guerra Fria”?	88%	12%
2. Você considera que a exibição do filme “O dia...” contribuiu para a sua aprendizagem sobre o tema “a participação dos EUA no golpe civil-militar de 1964”?	92%	8%
3. Você considera que a exibição do filme “O dia...” contribuiu para a sua aprendizagem sobre o tema “a influência dos EUA na política externa do Brasil antes da e durante a ditadura civil-militar de 1964”?	92%	8%
<i>Pergunta</i>	<i>Positivo</i>	<i>Indiferente</i>
4. O impacto que a exibição do filme “O dia...” teve sobre meu interesse pelos temas “Cenário Internacional da Guerra Fria”, “Participação dos EUA no golpe militar brasileiro de 1964” e “influência estadunidense na política externa brasileira” foi:	84%	16%
<i>Perguntas</i>	<i>Sim</i>	<i>Não</i>
5. Você considera que o uso do filme contribuiu para o desenvolvimento do senso crítico sobre o tema tratado?	100%	Zero
6. Você acredita que os filmes (ficção ou documentários) podem contribuir para a compreensão de temas das Relações Internacionais?	100%	Zero

Fonte: elaboração própria a partir de respostas do Google Formulários.

As conclusões parciais a respeito desse primeiro bloco de questões são auto-evidentes: os discentes consideraram que o documentário contribuiu para o aprendizado dos temas indicados e, em geral, entendem que os filmes são relevantes para o ensino de RI. A pequena diferença entre as questões 1 e 4 e as questões 2 e 3 se justifica porque o documentário se concentrava muito mais nos acontecimentos brasileiros pré e pós 1964 e na influência dos Estados Unidos na promoção do golpe e na definição da PEB dos primeiros governos militares.

Na sequência dessas questões fechadas foi colocada uma indagação aberta longa na qual o estudante deveria responder “Como o filme O dia que durou 21 anos contribuiu para que entendesse melhor: 1 – O cenário internacional da Guerra Fria e seus impactos para o cenário político brasileiro do período. 2 – A participação dos Estados Unidos no golpe civil-militar de 1964. 3 – A influência dos Estados Unidos na política externa brasileira antes da e durante a ditadura civil-militar brasileira”.

A leitura e análise dessa seção delineia uma contribuição qualitativa para averiguar se o uso do cinema para as RI é uma prática válida do ponto de vista didático. Se nas questões prévias ao documentário o padrão de respostas indicou uma compreensão mediana dos períodos trabalhados, com explicações pautadas por conceitos teóricos (bipolaridade, corrida armamentista, etc.), na segunda fase exemplos objetivos surgiram. Os discentes referenciaram o patrocínio direto do governo estadunidense a partidos e “institutos científicos” contrários ao governo de Jango; mencionaram com frequência a figura do embaixador norte-americano no Brasil, Lincoln Gordon, que é mostrado repetidas vezes no documentário e tem suas conversas telefônicas com os presidentes John Kennedy e Lyndon Johnson reproduzidas; surgiram também considerações sobre o papel que a revolução

cubana teve como condicionante da política externa de Washington para a América Latina; explicaram que as Reformas de Base de João Goulart possuíam cunho social, mas não eram comunistas; e mencionaram que a política externa brasileira antes do golpe era universalista, ressaltando as tendências de aproximação com o bloco comunista, e se transformaram após 1964, com o alinhamento automático aos Estados Unidos.

A constatação sobre as manifestações dos estudantes é que o filme representa uma importante ferramenta didática para ilustrar conceitos particulares e determinado período histórico. É a exemplificação necessária para formar a imagem daquilo que se estuda e dar consistência a conceitos assimilados de forma abstrata em sala de aula. Os professores Lynn M. Kuzma e Patrick J. Haney chegaram a conclusões aproximadas a respeito do uso do filme *Dr. Fantástico* (1964) para ilustrar o conceito de dissuasão (2001: 35), e de filmes como *Patton, Rebelde ou Herói?* (1970); *Apocalypse Now* (1979), *O resgate do soldado Ryan* (1999), e *Além da Linha Vermelha* (1999) para contextualizar os cenários da 2ª Guerra Mundial e da guerra do Vietnã (em *Apocalypse Now*). Essas constatações sobre o uso de filmes para o ensino também são mencionadas no texto de Engert e Spencer (2009), de Safia Swimelar (2013) e de Brandon Valeriano (2013). No entanto, a diferença desses estudos em relação aos questionários aplicados na UFU e na UVV é, em primeiro lugar, a perspectiva de aprendizado manifestada pelos próprios estudantes e não apenas nas notas, como fizeram Valeriano e Swimelar, e, segundo, a aplicação de questionários pré e pós-filme para averiguar o que se sabia antes e o que se passou a saber depois dos documentários. Com exceção de Safia Swimelar, não havia essa preocupação por parte dos outros autores indicados.

Ademais, consoante os objetivos identificados no início da descrição dessa experiência – saber se o filme *O dia que durou 21 anos* foi importante para o aprendizado da história do período e de conceitos das RI, fica evidente que há uma contribuição didática cinematográfica, mas ela é limitada e condicionada ao processo de aprendizagem realizado em sala de aula, entre professores e discentes. Basta lembrar que o conteúdo das respostas antes e depois da exibição do filme não se alterou de maneira substantiva. A diferença foi que, no segundo questionário, constavam nas respostas maiores detalhes, antes ausentes quando da aplicação do primeiro formulário. Tal conclusão é reforçada pela última seção do questionário, que oferecia questões fechadas, sequenciais e condicionantes.

Na última parte do segundo questionário foram elaboradas indagações sobre conteúdos históricos tratados em aula e no filme e, na sequência, era solicitado ao respondente dizer o que foi mais importante ao atender à questão anterior: as aulas expositivas; o documentário *O dia que durou 21 anos*; ambos; outro; e não se aplica (para quem havia respondido “Não sei” na pergunta anterior). A seguir se apresenta o *Quadro 07* com os resultados:

Quadro 07 – Auto percepção de aprendizado em Relações Internacionais – aula e filme

<i>Pergunta</i>					<i>Sim</i>	<i>Não</i>	<i>Não sei</i>		
1. De acordo com os seus conhecimentos, o golpe de 1964 ocorreu para evitar a instalação do comunismo no Brasil?					64%	36%	zero		
<i>Pergunta</i>					<i>A¹</i>	<i>B²</i>	<i>C³</i>	<i>D⁴</i>	<i>E⁵</i>
1A. Para responder à questão anterior, você considera que foi mais importante:					16%	4%	76%	4%	-
<i>Pergunta</i>					<i>Sim</i>	<i>Não</i>	<i>Não sei</i>		
2. De acordo com os seus conhecimentos, as “Reformas de Base” se assemelhavam às transformações ocasionadas por uma revolução comunista?					12%	80%	8%		
<i>Pergunta</i>					<i>A¹</i>	<i>B²</i>	<i>C³</i>	<i>D⁴</i>	<i>E⁵</i>
2A. Para responder à questão anterior, você considera que foi mais importante:					24%	16%	52%	zero	8%
<i>Pergunta</i>					<i>Sim</i>	<i>Não</i>	<i>Não sei</i>		
3. Os impactos da Revolução Cubana (1959) e da Crise dos Mísseis (1962) influenciaram a política externa estadunidense para o Brasil antes do Golpe Civil-Militar de 1964?					96%	4%	zero		
<i>Pergunta</i>					<i>A¹</i>	<i>B²</i>	<i>C³</i>	<i>D⁴</i>	<i>E⁵</i>
3A. Para responder à questão anterior, você considera que foi mais importante:					28%	20%	52%	zero	zero
<i>Pergunta</i>					<i>Sim</i>	<i>Não</i>	<i>Não sei</i>		
4. De acordo com os seus conhecimentos, é possível dizer que o golpe de 1964 foi uma iniciativa apenas dos EUA para evitar a instalação de um regime comunista no Brasil?					20%	80%	zero		
<i>Pergunta</i>					<i>A¹</i>	<i>B²</i>	<i>C³</i>	<i>D⁴</i>	<i>E⁵</i>
4A. Para responder à questão anterior, você considera que foi mais importante:					16%	12%	68%	4%	zero
<i>Pergunta</i>					<i>Sim</i>	<i>Não</i>	<i>Não sei</i>		
5. De acordo com os seus conhecimentos, a participação dos EUA no golpe influenciou a formulação e execução da PEB no governo de Castelo Branco (1964 – 1967)?					80%	4%	16%		
<i>Pergunta</i>					<i>A¹</i>	<i>B²</i>	<i>C³</i>	<i>D⁴</i>	<i>E⁵</i>
5A. Para responder à questão anterior, você considera que foi mais importante:					12%	12%	60%	zero	16%

¹A – as aulas expositivas.

²B – o documentário “O dia que durou 21 anos”.

³C – ambos.

⁴D – outro;

⁵E – não se aplica (para quem respondeu “Não sei” na pergunta anterior)

Fonte: elaboração própria a partir de respostas do Google Formulários.

Ao contrário do que aparenta, o objetivo principal desta seção não era verificar os conhecimentos sobre a temática discutida em aula e exibida no documentário, mas sim estimular os respondentes a pensar o que foi mais relevante para elaborar a resposta. A maioria da turma (entre 52% e 76%) indicou que ambos – aulas expositivas e documentário – foram importantes para a resposta. As discussões teóricas e o papel ilustrativo do filme se complementaram, cada qual com sua potencialidade, para construir a compreensão que a turma teve sobre o período.

Uma pesquisa com objetivos similares foi conduzida por Safia Swimelar ao procurar entender como os filmes ativam as emoções dos estudantes e, por essa razão, garantem um aprendizado mais

efetivo ao criar empatia, consternação ou solidariedade. Em sua experiência, Swimelar solicitou que seus estudantes elaborassem pequenos ensaios sobre temas específicos (genocídio em Ruanda, ou teorias de RI) após assistirem a filmes indicados. Nos textos entregues surgiam as percepções dos estudantes sobre as temáticas tratadas, bem como indícios das “emoções” ativadas ao assistir e ter de escrever a respeito dos assuntos (2013: 22-31). O método de Swimelar é positivo por possibilitar a observação dos resultados nos textos produzidos, mas depende da interpretação da pesquisadora sobre as respostas emocionais de cada aluno e não considera condições pretéritas à exibição do filme, pois, afinal, empatia e conhecimentos sobre os assuntos poderiam já existir antes do filme. Em nossa pesquisa, com uma redundância numérica e tipológica de perguntas, estimulamos que os próprios alunos manifestassem que recurso foi “mais relevante” para seu próprio aprendizado, estabelecendo gradações de importância. Ademais, à exemplo do trabalho de Swimelar, também foi oportunizada uma resposta qualitativa sobre o auto-aprendizado sobre os assuntos no caso da UFU, com a questão “Você acredita que os filmes (ficção ou documentários) podem contribuir para a compreensão de temas das Relações Internacionais?” e no da UVV com a seguinte pergunta pós-filme: “Como o filme *O dia que durou 21 anos* contribuiu para que entendesse melhor: 1 – O cenário internacional da Guerra Fria e seus impactos para o cenário político brasileiro do período. 2 – A participação dos Estados Unidos no golpe civil-militar de 1964. 3 – A influência dos Estados Unidos na política externa brasileira antes da e durante a ditadura civil-militar brasileira”.

O uso do documentário *O dia que durou 21 anos* para tratar de um período conturbado da política brasileira se mostrou um caminho válido, mas limitado. Ficou claro que aulas dialogadas sobre determinado momento histórico ou conceitos, são essenciais e não podem ser substituídas por instrumentos alternativos como os documentários, mesmo que essas obras possuam um caráter didático manifesto. Essa constatação é substantiada pela questão dissertativa longa apresentada e é reforçada no último questionário onde foi indagado qual dos recursos, aula ou documentário, foi mais importante para a resposta. O uso de qualquer obra de arte no ensino superior depende de procedimentos similares àqueles consagrados para o ensino básico e impõe uma necessidade: a mediação docente.

Esse resultado contrasta com a pesquisa de Rens V. Munster e Casper Sylvest sobre os documentários e as Relações Internacionais, na qual se sustenta seu potencial didático inerente, de acordo com o tipo de narrativa estruturada na obra fílmica. Em seu artigo, os autores destacam que os documentários se dividem em três tipos de “Arranjos de Percepção”, onde: 1 – Mostrar tem mais importância que Dizer; 2 – Dizer tem mais importância que Mostrar e 3 – Mostrar e Dizer são apresentados em contradição. Nos primeiros tipos de documentário as imagens prevalecem; no segundo a narração e entrevistas são mais relevantes e, no último, alternam-se imagens e sons com mensagens contraditórias para estimular o senso crítico do público. Após essa exposição, os autores defendem que o documentário tem um objetivo didático natural para o ensino de RI. A função da mediação é pouco explorada no texto, está ausente também o caráter ficcional e político dos documentários, e infere-se uma autonomia para esse gênero fílmico no ensino de RI (Munster; Sylvest, 2015). A experiência aqui relatada aponta no sentido oposto: que o documentário é um

acessório, uma ilustração, para a construção de conhecimentos em RI, aperfeiçoa o já entendido, mas não substitui os professores como agentes que estruturam e organizam o processo de aprendizagem.

Considerações Finais

O uso de filmes com finalidades didáticas tem substantiva produção bibliográfica de referência. Apesar dos indicativos positivos sobre seu emprego, alguns autores têm avançado na perspectiva crítica, apontando dificuldades e limitações desse meio para o ensino de RI. A professora Safia Swimelar, sintetizou alguns argumentos desfavoráveis ao uso do cinema para o ensino de RI: 1 – os filmes são simplórios e manipuladores em seus conteúdos e formato, e mais contribuem para a desinformação sobre os temas que tratam; 2 – muitas vezes os “instrutores” que usam filmes para as aulas não têm preparação necessária para fazê-lo; 3 – o tempo da obra cinematográfica ocupa grande parte da aula, sobrando pouco espaço para debates e análises, ou entedia o público jovem; 4 – muitos conteúdos ao longo do filme que não são relevantes para o ensino do tema proposto; 5 – podem desestimular os estudantes devido à má qualidade, efeitos emocionais negativos, ou por ser tedioso; e 6 – pela tendência ideológica ou teórica do filme eclipsar outras perspectivas conceituais importantes que não tem um filme adequado para ilustrá-la (2013: 16, 19).

Das experiências dos autores com o uso de filmes em sala de aula, dentre os problemas elencados, apenas o item 3 de Swimelar foi verificado. Os estudantes mais novos, acostumados com filmes mais agitados, resistem a documentários longos e percebeu-se certa distração em certas partes dos filmes.

Outro problema não verificado na bibliografia crítica sobre filme como instrumento de ensino, mas que surgiu a partir da pesquisa dos autores, foi uma limitada, mas presente, indiferença em relação ao uso dos filmes. Nas respostas espontâneas e questões fechadas uma minoria declarou que o filme em nada contribuiu para seus conhecimentos sobre a temática: na UFU 1 dos 9 respondentes considerou a experiência indiferente, e na UVV os indicativos desse tipo variaram de 2 a 4 dentre as 25 respostas. Embora seja uma manifestação minoritária, tal indício revela que o uso de filmes como ferramenta de aprendizado não é uma panaceia para o ensino de Relações Internacionais, e uma parcela da turma prefere formatos tradicionais de aula ou inovações de outro tipo.

Independente dos problemas e limitações, as experiências realizadas nas duas Universidades foram positivas. A maioria significativa dos estudantes de ambas as instituições considera positivo o uso de filmes para o aprendizado. Na era da disseminação do acesso às tecnologias os filmes, ao articularem os recursos da imagem em movimento e do som são, além de um meio de transmissão de informações e exemplificações de conteúdo teórico, também um recurso para chamar os estudantes a tomarem parte no debate reflexivo com apoio de um canal que dialoga com as interfaces do seu tempo. Mas nenhum dos potenciais usos de filmes em sala de aula pode ser uma ferramenta efetiva de aprendizado sem a mediação do professor, e isso também pode ser claramente extraído das respostas dos próprios discentes. Tanto os estudantes da UFU quanto da UVV, ao indicarem em suas respostas a importância da discussão prévia do tema, das aulas expositivas, da entrega de materiais

que os auxiliem a manter o foco em questões relevantes ao aprendizado durante a exibição do filme e de realizarem atividades que os ajudem a situar teoricamente o material audiovisual apresentado, indicam que o docente continua sendo peça indispensável no processo de aprendizagem.

Referências Bibliográficas

- A *CONSTRUÇÃO DE FERNANDO HENRIQUE*. Direção: Roberto Stefanelli. TV Câmara, 2012. (57 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S7nk_CML1Z0>. Acesso em: 20 de Março de 2017.
- ANCINE. Agência Nacional do Cinema. *Anuário estatístico do cinema brasileiro 2015*. Disponível em: <http://oca.ancine.gov.br/sites/default/files/cinema/pdf/anuario_2015.pdf>. Acesso em: 26 de Março de 2017.
- CINEMARK. *CINEMARK Brasil institucional*. Disponível em: <https://www3.cinemark.com.br/a-cinemark/institucional>. Acesso em 24 de Março de 2017.
- CINEPOLIS. *Sobre a Cinépolis – quem somos*. Disponível em: <http://www.cinepolis.com.br/corporativo/>. Acesso em 24 de Março de 2017.
- CNE. Conselho Nacional de Educação. *Texto referência para a audiência pública sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Relações Internacionais*. Brasília, DF, Março de 2017.
- DOUCET, Marc G. Child's play: The political imaginary of international relations and contemporary popular children's films. *Global Society*, v. 19, n. 3, p. 289-306. 2005.
- ENGERT, Stefan, SPENCER, Alexander. International Relations at the Movies: Teaching and Learning about International Politics through Film. *Perspectives*, vol. 17, n. 1, p. 83-104. 2009.
- INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. *Sinopses Estatísticas da Educação Superior – Graduação*. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/web/guest/sinopses-estatisticas-da-educacao-superior>>. Acesso em 26 de Março de 2017.
- KUZMA, Lynn M., HANEY, Patrick J. And... Action! Using Film to Learn about Foreign Policy. *International Studies Perspectives*, n. 2, p. 33-50. 2001.
- MUNSTER, Rens Van, SYLVEST, Casper. Documenting International Relations: Documentary Film and the Creative Arrangement of Perceptibility. *International Studies Perspectives*, n. 16, p. 229–245. 2015.
- NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário*. Campinas: Papirus, 2005.
- O DIA EM QUE O BRASIL ESTEVE AQUI*. Direção: Caíto Ortiz e João Dornelas. Prodigio Filmes. 2005. DVD (72 min.).
- O DIA QUE DUROU 21 ANOS*. Direção: Camilo Tavares. Pequi Filmes, 2013. (78 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QdWS5DcEFY0&t=2073s>>, acesso em 20 de Março de 2017.
- PRESIDENTES DE LATINOAMERICA*: Luiz Inácio Lula da Silva. Direção: Pablo Santangelo. Sindicato Argentino de Docentes Privados – SADOP, Sindicato Único de Trabajadores de Edificios de Renta y Horizontal – SUTERH, 2010. (83 min.). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mA7O2eBOvHc>>. Acesso em 20 de Março de 2017.

- SWIMELAR, Safia. Visualizing International Relations: Assessing Student Learning Through Film. *International Studies Perspectives*, v. 14, n. 1, p. 14-38. 2013.
- TV BRASIL. O dia que durou 21 anos. Disponível em: <<http://tvbrasil.ebc.com.br/odiaquedurou21anos>>. Acesso em 10 de Março de 2017.
- VALERIANO, Brandon. Teaching Introduction to International Politics with Film. *Journal of Political Science Education*, n. 9, p. 52-72. 2013.
- WEBER, Cynthia. *International Relations Theory: a critical introduction*. 4ª ed. Londres: Routledge, 2014.
- ZANELLA, Cristine Koehler, NEVES JR., Edson José. (Orgs.). *As Relações Internacionais e o Cinema: espaços e atores transnacionais*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2015.
- _____. *As Relações Internacionais e o Cinema: Estado e conflitos internacionais*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2016.